

O que os falares de Odeleite e Ericeira têm a dizer sobre o português do Brasil?

Marymarcia Guedes¹, Rosane de Andrade Berlinck²

¹ Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Caixa postal 14.800-901 – Araraquara – SP – Brasil

² Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
14.800-901 – Araraquara – SP – Brasil
marygue@fclar.unesp.br, berlinck@fclar.unesp.br

Abstract. *The aim of this study is to identify possible similarities between European and Brazilian Portuguese. Considering mainly European Portuguese data, we analyzed the use of prepositions with verbal complements and clitics placement. The study revealed that both varieties show similar behavior regarding certain aspects of their syntactic organization.*

Keywords. *Historical Linguistics; Sociolinguistics syntactic order; clitics; prepositions.*

Resumo. *Este estudo volta-se para variedades populares do Português Europeu, principalmente os falares de Ericeira, Odeleite e do Baixo-Alentejo, com o objetivo de identificar possíveis semelhanças entre o Português Europeu e o Brasileiro. Os fenômenos analisados foram o uso de preposições em complementos verbais e a colocação dos pronomes clíticos. Nosso estudo revelou-nos que, na fala, as variedades se assemelham quanto a certos aspectos de sua organização sintática.*

Palavras-chave. *Linguística Histórica; Sociolinguística; ordem sintática; pronomes clíticos; preposições.*

Introdução

Nosso trabalho surge de um questionamento acerca do estatuto das variedades brasileira e europeia do português. Seriam elas línguas diferentes ou dialetos de um português comum? Essa questão, que constitui umas das principais perguntas, ainda não respondidas, da Linguística brasileira, ganhou novo fôlego a partir da década de 80; portanto, compartilhamos essa inquietação com vários pesquisadores brasileiros na atualidade.

Não temos a pretensão de responder a essa questão. Trazemos para a discussão aspectos da variedade portuguesa, mais particularmente o uso das formas pronominais clíticas e de preposições, em algumas de suas modalidades populares (falares de Odeleite, Ericeira e, complementarmente, do Baixo-Alentejo). Comparando esses usos com os observados no Brasil, pretendemos avaliar possíveis semelhanças entre as duas variedades e, com isso, alimentar a discussão em torno de seu estatuto.

As regiões consideradas

A Ericeira é uma vila de pescadores, situada entre o Cabo da Roca e o da Carvoeira, a 50 quilômetros de Lisboa e perto de Sintra, e, atualmente, é um dos muitos pontos turísticos de Portugal. O primeiro documento escrito que se refere à localidade

data de 1229, sendo ela considerada local de passagem e instalação dos fenícios. Conheceu, no século XIX, sua época áurea, tendo sido o porto mais concorrido da Estremadura, por onde se fazia o abastecimento de quase toda a província.

O concelho de Castro Marim, na região do Algarve, está dividido administrativamente em 4 freguesias, das quais Azinhal, Odeleite e Castro Marim localizam-se no interior e Altura no litoral. Odeleite, por ser uma região rural, vem, desde 1991, perdendo densidade demográfica, com sua população dirigindo-se ao litoral em busca de melhores condições de trabalho.

A região do Alentejo, por sua vez, está dividida em sub-regiões, sendo uma delas o Baixo- Alentejo, no qual insere-se o distrito de Beja, Mértola, Serpa e Barrancos.

Ericeira situa-se na costa atlântica, enquanto Odeleite situa-se próxima à divisa com a Espanha. O Baixo-Alentejo, por sua vez, têm localidades situadas próximas à fronteira espanhola, mas também localidades no interior português. Tendo em conta essa distribuição geográfica, podemos inferir que as influências dos dialetos espanhóis em região de fronteira, nestes casos, não devem ser as dominantes, já que os fenômenos observados parecem estender-se também a regiões distantes dessa zona de influência.

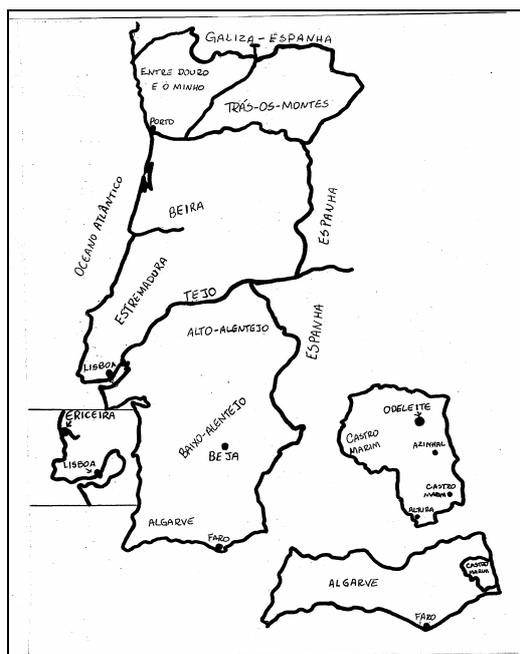


Figura 1. Localização de Odeleite e Ericeira.¹

Os dados de análise

Nosso material de pesquisa foi constituído pelos trabalhos de Alves (1965), relativo à linguagem dos pescadores de Ericeira, de Cruz (1991) sobre o falar de Odeleite, subsidiados pelos trabalhos de Delgado (1951), que trata da linguagem popular do Baixo-Alentejo e pela obra de Vasconcelos (1970), que, em sua tese de doutorado, traça um panorama dos dialetos portugueses.

Do ponto de vista sociolinguístico, o perfil dos informantes é, em sua totalidade, pessoas nascidas e moradoras nas localidades estudadas, analfabetas ou de escolarização

mediana e que têm como meio de subsistência as atividades realizadas em suas próprias localidades.

Embora o perfil dos informantes seja o acima descrito, encontramos, tanto no Brasil como em Portugal, formas geralmente associadas à baixa escolaridade, também, na fala de universitários. Em Portugal, por exemplo, formas como *a gente vamos, a gente estudamos, mais pequeno* são correntes entre os falantes cultos. O que nos leva a acreditar que os fenômenos apresentados aqui podem ter uma extensão maior de uso do que o observado nos trabalhos que serviram de base para essa reflexão. Acreditamos que uma pesquisa mais sistemática, abrangendo os diferentes níveis de escolaridade, além de outros fatores de ordem social, poderá revelar uma outra realidade lingüística no solo português.

Passamos, então, a analisar os dois fenômenos escolhidos.

Os pronomes clíticos

Os fatos relacionados com a ordem das palavras na história das línguas românicas, em particular aqueles que dizem respeito à posição dos pronomes clíticos no português do Brasil, foram intensamente investigados pelos gramáticos e lingüistas (Said Ali 1908, 1964, Câmara Jr. 1985, Pagotto 1992, 1993).

Ao longo dos anos, estabeleceu-se um debate em relação à sintaxe dos verbos no desenvolvimento do português e, esse esteve, muitas vezes, ligado ao comportamento dos pronomes clíticos. Assim, partindo da observação de que os contextos determinam a colocação proclítica ou enclítica daqueles elementos, alguns autores têm sido levados a afirmar que características de ordem sintática e fonológica determinam a colocação dos pronomes clíticos.

Do ponto de vista morfológico, pode-se dizer que os pronomes pessoais do caso reto são formas tônicas e livres que sintaticamente funcionam como sujeito de um enunciado. A esses pronomes correspondem formas dependentes, átonas, que são os clíticos e outros tônicos, que, regidos por preposição, ficam subordinados ao verbo. Os primeiros podem ocorrer em próclise, ênclise ou mesóclise (essa forma a menos usual, no Português atual tanto em sua variedade brasileira quanto européia) e, são sintaticamente descritos como objetos diretos ou indiretos (dativos), enquanto os segundos são complementos oblíquos das sentenças (cf. Mateus et al, 1983).

Observe-se os seguintes dados:

- (1) Desde que a gente **se namora** (Baixo-Alentejo – p. 113)
- (2) A desgraça **m'acompanha** (Baixo-Alentejo – p. 51)
- (3) atã ind'ontre dias **me dessestes** (Odeleite – p. 127)
- (4) a gent'aqui **dá-l'ó** n'ome d'ajudanti (Odeleite – p. 127)

De acordo com Teyssier (1989) e Mateus et al (1983), é a **ênclise a tendência natural de colocação pronominal em Portugal**. Assim, a ênclise é requerida quando os tipos oracionais são: S + V; V +... :

- (5) Foi-se embora?;
- (6) Ele escondeu-se?;
- (7) Ele viu-me;

(8) João foi-se embora.

No entanto, os dados de 1 a 3 mostram que, nessas variedades de Português Popular Europeu (doravante, PEP), a próclise pode ocorrer em ambientes em que a ênclise é esperada.

Ainda segundo os mesmos autores, três situações seriam inexistentes em Portugal:

- os pronomes do caso reto não ocorreriam no lugar de pronomes do caso oblíquo em posição de objetos diretos em Portugal. Formas como *(9) eu vi ele na rua, não seriam utilizadas;
- os pronomes oblíquos tônicos não seriam utilizados, sobretudo para a forma *mim* posposta à preposição *para* + *infinitivo*: *(10) Este livro é para mim ler;
- não ocorreria o apagamento dos pronomes clíticos (objeto nulo).

No entanto, observem-se os seguintes dados:

- (11) a velha onti à nōiti **dê Ø** uma pazada (Odeleite – p. 125)
(12) **começa Ø** só com duas ripas também (Odeleite – p. 128)
(13) Eu não **quero ele** cá dentro (Ericeira – p. 180)
(14) **Molhómos elas** todas (Ericeira – p. 180)
(15) A gente agora **vai cercando nelas** (Odeleite – p. 153)
(16) dá **para mim** guardari (Odeleite – p. 153)

Diferentemente do que a gramática e os gramáticos afirmam acontecer, o pronome pessoal complemento é usado com função de sujeito (16) e o pronome sujeito com função de complemento também se utiliza (13 e 14). O apagamento também ocorre, com se observa nos dados (11) e (12).

Em seu estudo sobre a gramática do Português Antigo (PA), Huber (1933) assume a tese de Meyer-Lübke segundo a qual os pronomes complementos átonos são fonologicamente enclíticos e aparecem imediatamente depois de uma palavra fortemente acentuada. No entanto, como Huber observa, quando o sujeito (nome ou pronome) começa a frase ou precede o predicado (verbo), o pronome átono tem duas possibilidades de colocação: pode pospor-se ao sujeito ou ao verbo. Exemplos:

- (17) E o asno **lhe deu** dous couces.
(18) A águia **o fez** chamar
(19) E a águia **feze-o** assy
(20) E este lobo **compecou-a** a rovelver com os pees (Huber 1933: 178-179).

Esta variação na colocação dos complementos clíticos nas sentenças SVO com sujeito referencial na fase antiga do Português foi também documentada por outros filólogos e romanistas na literatura tradicional e nos estudos sintáticos atuais, em particular Martins (1994).

A mesma alternância próclise/ênclise foi encontrada nas construções com anteposição do complemento acusativo, cada uma delas exibindo um padrão diferente na colocação dos clíticos. Observe-se os exemplos:

- (21) Tal serviço **lhe pode fazer** hũũ homem pequeno.
(22) Teus comeres **guarda-os** pera ty. (Huber 1933: 183)

Manzini (1992) apresenta a ênclise como a única possibilidade para a ocorrência dos clíticos para o Português Europeu atual (PE):

- (23) a. O João **deu-me** os discos de música clássica.
b. *O João me deu os discos de música clássica.
- (24) a. **Encontro-te** no cinema depois do jantar.
b. *Te encontro no cinema depois do jantar.

No entanto, sentenças como (23b) eram normalmente encontradas nos textos antigos e clássicos; já sentenças como (24b) são rejeitadas, aparentemente, em qualquer período da língua. Devemos, ainda, considerar que (24b) é perfeitamente possível e muito freqüente no português brasileiro falado.

Se expedientes oracionais ditam as ocorrências de próclises e ênclises, a forma verbal também é um fator determinante. Vejam-se os casos abaixo (25-27).

Ainda de acordo com Teyssier (1989) e Mateus et al (1983), em locuções verbais formadas por um infinitivo introduzido pelos verbos *poder, querer, dever, ir, vir, haver de, tornar a, começar a*, etc., se o pronome for complemento do primeiro verbo, liga-se a ele e segue as regras gerais. Entretanto, observa-se, entre os dados do PEP, a ocorrência de: (25) quand' a gente **se vai dêtar** é que reza (Odeleite – p. 137).

No gerúndio, quando o pronome átono é complemento, pode ocorrer a seguinte situação: nas locuções em que o gerúndio é introduzido pelos verbos *estar, ir, vir, andar, continuar*, etc., o pronome liga-se a este verbo e dá-se a ênclise ou a próclise conforme as regras gerais: (26) **Iom-se matando** um ao outro (Baixo-Alentejo – p. 22); (27) Derom-le tantas bicadas que **o iom matando** (Baixo-Alentejo – p. 22). Nesses casos, o uso justifica a regra.

O que observamos até aqui é que o Português Europeu e o Brasileiro, pelo menos em suas formas populares, são semelhantes quanto às possibilidades de colocação dos pronomes clíticos, ressaltando-se os exemplos (26) e (27), relativos à colocação dos pronomes em construções gerundivas. Não podemos, no entanto, deixar de destacar o fato de que as variedades parecem-se diferenciar quanto ao grau de preferência entre uma e outra colocação variante: no PE a ênclise seria mais freqüente, enquanto no PB observa-se uma tendência generalizada à próclise, embora possa haver contextos em que a ênclise é preferida (junto a infinitivos, por exemplo).

No material analisado no presente estudo, chamam a atenção algumas peculiaridades de construção em que o pronome aparece anteposto para uma posição anterior a (i) advérbio de negação, como em (28) e (ii) verbos auxiliares, como em (27) e (29). No Português Brasileiro essas formas inexistem e também não são contempladas nas gramáticas normativas. Aparentemente, estamos diante da manutenção de estruturas arcaicas.

(28) a. A çupreste não se rega, / Nace-l'água da raiz,/ Nã te gabes que me dêxastes,/ Que fui ê que **te nã quis**. (Baixo-Alentejo, p.98)

b. Algum dia pra te ver/ Pulava sete quintais;/ Agora, pra **te não ver**,/ Pulo duzentos ou mais. (Baixo-Alentejo, p.115)

(29) a. Os pêxes que o mar tõi,/ Nã **nos vô contar** ô fundo/ Atã diga lá você/ Contas árves há no mundo? (Baixo-Alentejo, p.47)

b. Já lá levas o cabaço/ Colhido da cabaceira;/ Já **te podes ir gabando**/ De não achares quem te queira. (Baixo-Alentejo, p.66)

As preposições

No que se refere ao emprego de preposições, limitamo-nos à análise de complementos verbais preposicionados que expressam um valor semântico de meta/recipiente (McCoy, 1969; Fillmore, 1971; Busse & Vilela, 1986). Essa restrição se explica, de um modo geral, pela amplitude de aspectos envolvidos no estudo das preposições, o que exige um recorte, e, em particular, por já se ter observado que o tipo de complemento selecionado constitui um contexto de forte variação no Português Brasileiro (Berlinck 1997, 2000, Guedes & Berlinck 2003, Gomes 2003). Ainda com o objetivo de limitar a análise aos contextos de maior variação, circunscrevemos o estudo aos casos que descrevem uma situação concreta (Berlinck 2003).

No contexto de complementos meta/recipiente, observa-se a co-existência das seguintes preposições: *a*, *em*, *para* e *até*. Os estudos relativos ao Português Brasileiro mostram que a alternância entre essas preposições está vinculada ao tipo de verbo ao qual se associa. Assim, com verbos de direção (*ir*, *vir*, *chegar*, *subir* etc.) e verbos de movimento com transferência (*levar*, *trazer* etc), todas as preposições mencionadas ocorrem, embora tenda a haver um predomínio das preposições *para* e *em*. O verbo *chegar* se diferencia dos demais por não apresentar a construção **chegar para*.

Já com verbos de transferência material (*dar*, *oferecer*, etc.) (Berlinck 1996), observamos apenas a variação entre *a* e *para*, com predominância da segunda. Com verbos de transferência verbal/perceptual, que incluem os tradicionalmente chamados ‘dicendi’ (*dizer*, *contar*, *perguntar*, etc) e também verbos como *mostrar*, *revelar*, existe a possibilidade de emprego das preposições *a* e *para*, sendo a segunda a mais utilizada no Português Brasileiro falado.

Tendo em conta, então, o quadro esboçado acima para o Português Brasileiro, voltamo-nos para os dados do Português Europeu. De um modo geral, observamos que as preposições *a*, *em*, *para* e *até* também estão presentes no PE, como segue:

• há o predomínio da preposição *a* com os seguintes tipos de verbo: direção, movimento com transferência e transferência verbal/perceptual; esta se encontra em variação com a preposição *para*, como se vê nos exemplos (30) a (32);

(30) a. O marido **foi pro mari**. (Ericeira, p.39)

b. O Ti Jôquim **foi ò mari**. (Ericeira, p.40) ²

(31) a. (Estas botas) **lebam-nas pro mari** no tempo dos cobos, (Ericeira, p.37)

b. O Santíssimo Sacramento leva-nos i **traga-nos a porto de salvamento**
(Ericeira, p.41)

(32) a. – Sabes Maria, o que **dizem lá pro povo**? (Baixo-Alentejo, p.113)

b. **dezi à gente** qu’ele que morria más depressa. (Odeleite, p.129)

• no caso dos verbos de direção, há uma peculiaridade: o emprego de *a*, *para* e *em*, embora as ocorrências com *em* se dêem com um único verbo:

(33) a. O pirúm e o pato **alarom-se** ambos os dois **no gatinho**.

(Baixo-Alentejo, p.22)

b. As galinhas **alarom-se na verdura** e foi num stante enconto a despacharom.

(Baixo-Alentejo, p.22)

• com o verbo *chegar*, não encontramos nenhuma ocorrência da preposição *em*, apenas a preposição *a*, como nos exemplos (34); ao contrário do que se observa no PB, como se observa no exemplo (35):

(34) a. Teu pai não para em ramo verde. Dês que chegou a casa inda não s'assentou. (Baixo-Alentejo, p.172)

b. A gente somos grandes pescadores / Que chegamos hoje à Nazaré (Ericeira, p.131)

(35) Ao chegar nos estabelecimentos, o professor deverá apresentar sua carteira funcional expedida pela Secretaria Estadual de Educação.

(Jornal *Primeira Página*, São Carlos-SP, 19/9/2003)

• embora predomine o uso da preposição *a* com os verbos de transferência verbal/perceptual, encontramos duas ocorrências com a preposição *para*, que atestam a existência de variação nesse contexto, conforme (32a) e (36);

(36) Chigada a isca, pescadori não espera por lota e o mestre diz pro do bagão: uma caixa de car'pau ou chicharro. (Baixo-Alentejo, p.74)

Considerações finais

Retomamos e recolocamos a questão inicial - O QUE OS FALARES DE ODELEITE E ERICEIRA TÊM A DIZER SOBRE O PORTUGUÊS DO BRASIL?

A apresentação dos dados permite afirmar que o uso dos clíticos em posição de ênclise ou próclise é semelhante quando se compara o Português Europeu com o Brasileiro, pois ambos compartilham em vários casos as mesmas possibilidades de colocação pronominal. Neste sentido, aparentemente não se pode falar em duas gramáticas distintas, mas de uma organização sintática comum em que se compartilha em maior ou menor grau a mesma gramática.

O que parece acontecer é uma diferença em termos de frequência de uso, ou preferência de uso: como já dissemos, no PE a ênclise seria mais freqüente, enquanto no PB observa-se uma tendência generalizada à próclise, embora possa haver contextos em que a ênclise é preferida (junto a infinitivos, por exemplo). Essas tendências, porém, precisariam ser avaliadas a partir de estudos empíricos mais sistemáticos. Se a norma padrão lusitana prega o uso da ênclise em muitos contextos, mas encontramos nesses mesmos contextos a próclise entre os dados dos estudos analisados, até que ponto um estudo sociolinguisticamente controlado do Português Europeu falado não nos revelaria uma extensão mais ampla do emprego da próclise do que aquela até o momento conhecida?

No que se refere ao uso de preposições em complementos verbais, também encontramos, nos falares portugueses, vários pontos de semelhança com o PB. Embora não seja possível avaliar, a partir dos dados colhidos nesses estudos, a produtividade de algumas das variantes, e esses dados sugiram um predomínio da preposição *a* em todos os contextos analisados, a existência de casos com a preposição *para*, junto a verbos de direção, de movimento com transferência e de transferência verbal/perceptual é extremamente significativa.

Considerando que as localidades estudadas contam com uma população autóctone e que estiveram um tanto à margem do desenvolvimento econômico português, pelo menos até o momento em que foram estudadas, podemos inferir que as suas variedades de português falado guardaram aspectos conservadores da língua. Se é possível identificar formas e empregos semelhantes entre o Português do Brasil e esses falares, então não podemos defender a idéia de que o que ocorre com esses fenômenos no PB constitui um desenvolvimento autônomo. Aparentemente, temos aqui uma continuidade do PE.

Para Tarallo (1993), a presença da tradição literária portuguesa no Brasil, somada à rigidez da língua escrita padrão, teria mantido os dois dialetos (Português Brasileiro e Português Europeu) muito próximos, mas as gramáticas faladas tomaram rumos diferentes. Entretanto, observando-se os dados, pode-se inferir que na fala as gramáticas também se assemelham, pelo menos em relação aos fenômenos aqui considerados. Teríamos, assim, diferenças quanto ao grau de emprego das regras. Aparentemente, o português popular se opõe à modalidade não-popular e isso se dá tanto no PB como no PE.

Como Naro & Scherre (1997), cremos que o português (popular ou não) advém de um processo de mudanças lingüísticas originado em Portugal, sendo, portanto, o resultado natural das derivações ocorridas nos séculos passados no Português Europeu.

Notas

¹ A figura 1 foi elaborada pela Profa. Marymarcia Guedes, com base em mapa incluído em Vasconcelos (1970) e em outros disponíveis em www.travel-images.com.

² Nos dados de variedades populares do Português Europeu, a preposição *a* é freqüentemente realizada como *ò* (vogal posterior, média, aberta, oral).

Referências

- ALVES, J. L. *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, (Dissertação de Licenciatura), 1965.
- BERLINCK, R. A. Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 2., 1997. Florianópolis. Comunicação... Florianópolis: UFSC, 1997.
- _____. Complementos preposicionados: variação e mudança no português brasileiro. Conferência proferida no Congresso Internacional "500 anos da Língua Portuguesa no Brasil" 8 a 13 de maio de 2000. Universidade de Évora. Évora – Portugal. 2000.
- BUSSE, W., VILELA, M. *Gramática de Valências: apresentação e esboço de aplicação à língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.
- CÂMARA JR., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda. 1985.
- CRUZ, M. L. S. da. *O falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica (Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa). Dissertação de Licenciatura publicada pelo. Lingüística 16. 1991.
- DELGADO, M. J. *A linguagem popular do Baixo-Alentejo*. Beja: Edição do Autor. 1951.

- FILLMORE, C.J. Some problems for case grammar. *Monograph Series on languages and linguistics* 24, 1971, p.35-55.
- GUEDES, M., BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. *Estudos Lingüísticos* 32. Documento C198.htm, 2003.
- HUBER, J. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1993.
- KROCH, A. Morphosyntactic Variation. In K. Beals et al (eds) *Papers from the XXXth Regional Meeting of the Chicago Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory*. Chicago: Chicago University Press, 1994, p.180-201.
- MANZINI, M. R. *Second Position Dependencies*. London: University of London. 1992. ms.
- MATEUS, M. H., BRITO, A. M., DUARTE, I. & FARIA, I. H. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina. 1983.
- MC COY, A. *A Case Grammar Classification of Spanish Verbs*. The University of Michigan: University Microfilms, 1969. Ph.Dissertation.
- NARO, A. J., SCHERRE, M. M. P. Variable concord in Portuguese: the Situation in Brazil and Portugal. IN: McWHORTER, J. (org.) *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- PAGOTTO, E. G. *A Posição dos Clíticos em Português*. Um Estudo Diacrônico. Campinas: Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1992.
- _____. Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In: ROBERTS, I., KATO, M.A. (orgs). *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1993, p.185-206.
- SAID ALI, M. *Difficuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Laemmert & C Livreiros. 1908.
- _____. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos. 1964.
- TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In ROBERTS, I., KATO, M.A. (orgs). *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1993, p.35-68.
- TEYSSIER, P. *Manual de Língua Portuguesa (Portugal/Brasil)*. Coimbra: Coimbra Editora. Coleção Lingüística 3. Tradução: CARVALHO, Margarida C de. 1989.
- VASCONCELLOS, J.L. de. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: Publicações do Atlas Etnográfico- Lingüístico de Portugal e da Galiza. Centro de Estudos Filológicos. 1970.